

## **VIAGENS DE PEREGRINAÇÃO: DEVOÇÃO, SALVAÇÃO E OUTRAS POSSIBILIDADES**

VIVIANE AZEVEDO DE JESUZ \*

Durante o medievo, desenvolveu-se de forma intensa a prática do deslocamento de pessoas a locais considerados sagrados, de modo que em seus séculos finais a peregrinação já se encontrava plenamente difundida. Peregrinos de diversas localidades da cristandade lançavam-se a essas viagens, que eram por vezes longínquas e de difícil realização devido aos obstáculos físicos dos caminhos que conduziam aos lugares santos. As dificuldades, no entanto, não refreavam esse movimento dos viajantes cristãos, cuja meta era o encontro com o sagrado, ainda que despendessem muito mais tempo enfrentando os desafios do que apreciando os lugares santos.

Em nosso estudo, discutimos a participação dos cidadãos neste movimento de peregrinação, adotando como fonte de análise o conjunto de contos reunidos na narrativa inglesa *The Canterbury Tales*, escrita por Geoffrey Chaucer em fins do século XIV.<sup>1</sup> Trata-se de um conjunto de vinte e quatro histórias em versos, nas quais os peregrinos, oriundos principalmente do meio urbano, narram momentos da vida de diversos personagens, enquanto também são personagens de uma outra história, mais ampla, a da peregrinação.

Segundo Michel Sot, as peregrinações comportam quatro características centrais. Em primeiro lugar, está a própria viagem física, que acarreta uma relação com o espaço, trate-se daquele do qual se afasta, ou daquele através do qual se movimenta. Existe, então, um fim dessa caminhada, em que se espera propiciar o contato com uma nova realidade, uma realidade sagrada. A peregrinação é ainda um tempo de celebração, pois, embora se busque um objetivo, o essencial são as provações do caminho percorrido. Por fim, como recompensa por seu esforço, os peregrinos alcançam os benefícios desejados, sejam estes espirituais ou físicos, o perdão ou a cura.

---

\* Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF).

<sup>1</sup> THE RIVERSIDE CHAUCER. Larry D. Benson (ed.), 3<sup>rd</sup> ed., Oxford: Oxford University Press, 2008, pp. 66-77. Este trabalho de referência reúne todas as obras completas de Geoffrey Chaucer, entre elas *The Canterbury Tales*, na forma mais próxima de seus originais, servindo como texto-base para todos os recentes estudos que envolvem tal narrativa. Deste modo, todas as referências a *The Canterbury Tales* neste trabalho partiram deste trabalho, com a indicação do conto e das páginas em que se encontram.

Por sua vez, Jérôme Baschet considera que se possa destacar duas funções espaciais básicas da peregrinação. A primeira seria a adoção dos santos e das relíquias como “referenciais simbólicos do espaço cristão” (BASCHET, 2006:351). Assim, estabelecer-se-ia uma rede de lugares sagrados, cuja hierarquização seria definida pela atração exercida sobre os viajantes. Somada a esta, estaria a orientação para o exterior que marca esses deslocamentos. A peregrinação parte do interior, do lugar ao qual se pertence, para o exterior, o território desconhecido que se precisa enfrentar para alcançar o objetivo sagrado.

Entretanto, embora haja essa orientação para o exterior, devemos considerar que o retorno ao lugar de origem também constitui um elemento central do movimento de peregrinação. Em *The Canterbury Tales*, os viajantes peregrinam, mas também anseiam pelo fim da viagem.

And which of yow that bereth hym best of alle –  
That is to seyn, that telleth in this caas  
Tales of best sentence and moost solaas –  
Shal have a soper at oure aller cost  
Here in this place, sittynge by this post.<sup>2</sup>

Ainda que não esperassem uma recompensa concreta como os peregrinos de Chaucer, não é difícil imaginar a vontade daqueles que se lançavam neste tipo de viagem de retornar ao seu lugar. Afinal, era após seu regresso que podiam dispor dos privilégios, sociais, de que gozavam peregrinos. Por este motivo, muitos viajantes faziam questão de expor em suas casas e oficinas os ícones, os certificados e os outros símbolos que comprovavam sua participação em peregrinações.

Além de seus aspectos essenciais, pode-se, a partir dos estudos sobre as peregrinações, levantar as motivações principais que impulsionavam os homens a se lançarem a estes deslocamentos. A primeira seria a penitência, que a partir do século XIII podia ser imposta pelo próprio confessor. Todas as dificuldades enfrentadas ao

---

<sup>2</sup> *General Prologue*, p. 36. “... quem narrar a história mais rica de conteúdo e de mais graça, ao regressarmos receberá de prêmio uma bela ceia, oferecida por todos nós, aqui mesmo na estalagem, sentado junto a este pilar.” In: CHAUCER, Geoffrey. *Os Contos de Cantuária*, Paulo Vizioli (trad.). São Paulo: T.A. Queiroz, 1988, p. 15. As notas referentes às citações de *The Canterbury Tales* em inglês médio encontram-se acompanhadas por sua tradução em português, conforme trabalho de Paulo Vizioli. Nas notas seguintes, as traduções são seguidas pela página em que se encontram. Embora a tradução se encontre em prosa, diferindo da estrutura em verso original, cabe aqui ressaltar o valor desse esforço único de tradução da obra para a língua portuguesa.

longo da rota seguida marcavam o sacrifício do pecador em busca do perdão. A peregrinação é uma prova espiritual, mas baseia-se principalmente na prova física. Segundo Diana Webb, devido a todos os problemas que envolvia, a peregrinação era uma forma de auto-privação para aqueles que não haviam abraçado a vida religiosa (WEBB, 2000: xiv). A esta, Baschet acrescentaria ainda a peregrinação a título de sanção penal atribuída por tribunais.

Encontramos também peregrinos motivados pela busca de uma graça ou cura, motivações mais específicas que mobilizavam diversos viajantes. Muitos destes eram peregrinos piedosos ou ainda devotos dos santos em direção dos quais peregrinava, mas, de modo geral, esperavam receber uma recompensa por seu esforço, fosse esta no reino terrestre ou no reino celeste, em especial, a salvação. É o que também procuram os peregrinos da narrativa analisada: “Ye goon to Caunterbury – God yow speed,/ The bisful martir quite yow youre meede!”<sup>3</sup> Para Finucane, nessa sociedade que tanto valoriza a proteção dos grandes senhores, os santos ganham destaque como poderosos protetores, uma vez que estão diretamente ligados ao maior dos senhores.

Devemos ressaltar ainda as peregrinações em busca de indulgências, bastante comuns desde o século XII. Por diversas vezes, papas e bispos concediam aos que visitantes de determinados locais a remissão dos pecados cometidos durante um período por eles determinado. Ainda mais almeçadas eram as indulgências plenárias, que garantiam aos cristãos o perdão de todos os pecados por eles já cometidos. No entanto, as indulgências acarretaram problemas, pois alguns religiosos não tão piedosos fizeram destas uma fonte de lucros, negociando sua concessão. Exemplo disso é o Vendedor de Indulgências de *The Canterbury Tales*, o qual soma a sua função a venda de relíquias falsas aos pobres fiéis que conseguia enganar. Temos aqui mais uma razão que se tornou cada vez mais difundida, a procura de relíquias, que também teria colocado reis e nobres a caminho dos lugares santos.

Entre outras motivações menos nobres, estão as daqueles que peregrinam como pedintes. Estes viajam a fim de conseguir doações e comida, oferecidas por mosteiros e viajantes mais abastados. Afinal, uma parte das comitivas peregrina bem munida de

---

<sup>3</sup> *General Prologue*, p. 35. “Todos vocês estão indo para Cantuária... Ótimo, Deus os ajude, e que possam receber do bendito mártir a devida recompensa!” (CHAUCER, 1988:14).

viveres, como acontece com a comitiva de Chaucer, que percorre todo o caminho alimentando-se e bebendo da melhor cerveja. Tais pedintes são encontrados não apenas ao longo das rotas de viagem, mas nas portas das igrejas e próximos aos lugares sagrados.

No entanto, um dos principais problemas enfrentados pelos peregrinos são os ladrões que se aproveitam tanto dos esconderijos ao longo dos caminhos quanto dos locais de aglomeração. Segundo Finucane, estes adotam as mais variadas formas de ação. Há aqueles que roubam as bolsas dos peregrinos, cheias de moedas para pagar as despesas de viagem, outros que roubam as ofertas aos santos e às igrejas, ou ainda os que conseguem roubar partes das relíquias. Mas nenhum destes representa maior risco do que aqueles que planejam ataques nas estradas que levam aos locais sagrados. Esta é uma preocupação dos que partem. “Toda peregrinação é na Idade Média, uma aventura, um risco; se o destino é longínquo, as pessoas redigem o seu testamento antes da partida ou, ao menos, tomam o cuidado de pôr em ordem os seus negócios, como se a viagem fosse sem volta” (BASCHET, 2006:351).

Apesar destas exceções, não se deixava de notar o peregrino como reflexo de uma característica básica do cristão, já anunciada nos textos sagrados. O cristão não pertence a este mundo, portanto, só se encontra neste de passagem, é um peregrino que tem como meta última alcançar a Jerusalém celeste. Segundo Baschet, a peregrinação é uma metáfora da vida cristã (BASCHET, 2006:358). Esta peregrinação última deve conduzir toda a vida do cristão. E é a esta que o Pároco exorta todos os peregrinos no último conto do conjunto:

And Jhesu, for his grace, wit me sende  
To shewe yow the wey, in this viage,  
Of thilke parfit glorious pilgrimage  
That highte Jerusalem celestial.<sup>4</sup>

É importante aqui observar o peregrino. Como aponta Sot, até os séculos XI e XII, este termo remetia à forte conotação de expatriado, aquele que se ausentava de sua terra de origem, ligação muito valorizada durante a Idade Média, e tinha de se

---

<sup>4</sup> The Parson's tale, p. 287. “E que Jesus, com sua graça me dê inspiração para mostrar-lhes, nesta romaria, o caminho daquela outra peregrinação, perfeita e gloriosa, para a Jerusalém celestial.” (CHAUCER, 1988:284).

encaminhar para o desconhecido. Após o século XII, com a significativa difusão dessa prática, peregrino passou a referir-se ao “viajante religioso” (SOT, 2002:354-355). Entretanto, apesar dessa mudança de sentido do termo, as viagens de peregrinação não deixaram de marcar o afastamento social e o desenraizamento ao qual o peregrino era levado, este, então, continuou a ser, por todos os novos lugares por onde passava, o estrangeiro.

A peregrinação conduzia estas pessoas por lugares novos, nos quais eram desconhecidos e, portanto, não tinham laços; estavam longe do seu lugar. Eram estrangeiros porque se afastavam da “condição natural do homem” que, segundo Bronislaw Geremek, era “viver no território de origem, onde os túmulos dos pais asseguram a continuidade, e viver numa comunidade de vizinhos, unida pelos laços de parentesco e de ambiente” (GEREMEK, 1989:233). Sendo a importância dos laços de parentesco e de vizinhança um aspecto intrínseco à mentalidade medieval, tornava-se essencial permanecer em um lugar fixo em meio a uma mesma comunidade.

Numa tentativa de manter esses laços, a peregrinação era comumente uma opção coletiva. Ao preparar tais viagens, os homens procuravam organizar-se em grupos cujos membros mantinham relações sociais, fossem parentes, amigos ou membros de corporações. No entanto, como ressalta Geremek, mesmo tais empreitadas não mascaravam o “caráter marginalizante” e desenraizador de viagens tão longas que os afastavam da sociedade em que viviam (GEREMEK, 1989:234). Devemos destacar ainda que tais viagens em grupo eram uma tentativa de viajar com maior segurança, diminuindo os riscos de ataques.

De modo contrário, Baschet defende que as peregrinações teciam, na verdade, uma rede que deixava transparecer a unidade da cristandade. Estas possibilitariam aguçar as solidariedades entre aldeias, cidades e até mesmo reinos, na medida em que se acolhia os peregrinos a caminho. Ainda que sejam estrangeiros por onde passam, esses viajantes estão em terras cristãs, nas quais todos são irmãos pela filiação com Deus.

Além disso, essa unidade afirma-se não apenas pelas viagens em si, das quais muitos cristãos, por falta de recursos, não podem participar, mas pela própria possibilidade de se realizar tais movimentos e a vontade de concretizá-los. A partir do contato com os peregrinos, os cristãos reconhecem a diversidade e a unidade da cristandade e identificam-se como membros desta.

Embora não se possa negar as limitações existentes, estas não impossibilitaram o desenvolvimento de tal prática no Ocidente Medieval, o que não foi diferente na Inglaterra. Segundo Sot, já no século IX, grande parte do contingente de peregrinos que ocupavam as *scholae*, hospitais que recebiam peregrinos de acordo com a sua origem, em Roma, era composta por anglo-saxões; o mesmo acontecendo quando da reafirmação de Santiago de Compostela como importante centro de peregrinação. Esses peregrinos acreditam que quanto maiores forem seus esforços, maiores serão as graças recebidas. Também os pecadores devem peregrinar de acordo com a gravidade dos seus pecados, como a Mulher de Bath.

And thries had she been at Jerusalem;  
She hadde passed many a straunge strem;  
At Rome she hadde been, and at Boloigne,  
In Galice at Seint-Jame, and at Coloigne.  
She koude muchel of wandrynge by the weye.<sup>5</sup>

Se considerarmos que tais expedições por terras distantes, que despendiam inúmeros recursos, eram alvo de tamanha mobilização, podemos pensar a difusão de tal prática em direção aos centros de peregrinação dentro do próprio território insular, sendo acessível a um número maior de pessoas. Para Webb, as peregrinação de curta distância e duração seriam, para uma grande maioria, a regra, não a exceção. Tal situação dever-se-ia principalmente ao custo dessas viagens. Antes de partir, os peregrinos precisam planejar os detalhes de sua jornada, como a época do ano, a duração do percurso, a hospedagem ao longo do caminho e no destino, pois todos esses fatores determinam os gastos da viagem. Por isso, para muitos ingleses, os santuários e sepulcros insulares são os únicos aos quais podem almejar.

Para os peregrinos mais abastados, tais viagens podiam ser muito agradáveis. Colocavam-se a caminhos sobre os melhores cavalos, pernoitavam nas melhores hospedarias, ou ainda eram convidados a repousar nos aposentos de abadias. Aqueles que não desejavam se lançar em tal desafio tinham ainda a possibilidade de designar um peregrino profissional para viajar em seu nome. A peregrinação por procuração ganhou seu espaço, e os recursos para tal empreitada tornaram-se um ponto importante de

---

<sup>5</sup> General Prologue, p. 31. “Em suas peregrinações já estivera três vezes em Jerusalém, atravessando muitos rios estrangeiros; também visitara Roma, Boulogne-sur-Mer, Colônia e Santiago de Compostela. Aprendeu muito nessas andanças” (CHAUCER, 1988:10).

muitos testamentos. Afinal, todas as formas de conseguir a salvação da alma deviam ser buscadas.

Podemos considerar ainda que as peregrinações tornar-se-iam mais frequentes à medida que as pessoas precisassem de mais benefícios concedidos pelos santos, como aconteceria em períodos difíceis. Exemplo disto foi o século XIV, em que a Inglaterra sofreu os efeitos de diversos abalos, como a Peste Negra, especialmente o surto entre 1348 e 1349, a conseqüente redução da produção de víveres, a Revolta dos Camponeses de 1381, além da Guerra dos Cem Anos, que se estendeu de 1337 a 1453.

Neste contexto, encontramos Geoffrey Chaucer que, além de lutar na guerra, chegou a ser feito prisioneiro, precisando ter seu resgate pago pelo rei, assim como os demais peregrinos, que na narrativa representam especialmente a cidade. Como salientado por Jill Mann, estes não eram apenas indivíduos, mas representantes dos grupos de ofícios, que se tornavam cada vez mais necessários na Londres do século XIV.

Em *The Canterbury Tales*, os peregrinos, ao se reunirem no Tabern Inn em Southwark, recebem do Albergueiro a proposta de se distraírem ao longo da viagem contando histórias. Aceito o desafio, partem então para sua viagem, que tem por objetivo visitar o túmulo de Santo Thomas Becket, um dos mais visitados da Europa, localizado na cidade de Canterbury.

Thanne longen folk to goon on pilgrimages,  
And palmeres for to seken straunge strondes,  
To ferne halwes, kowthe in sondry londes;  
And specially from every shires ende  
Of Engelond to Caunterbury they wende,  
The hooly bisful martir for to seke,  
That hem hath holpen whan that they were seeke.<sup>6</sup>

Thomas Becket foi o primeiro inglês a tornar-se Arcebispo de Canterbury, cuja catedral era considerada a mãe da Igreja na Inglaterra. No entanto, sua trajetória é bastante singular. O futuro arcebispo não foi preparado para a carreira eclesiástica, mas para se tornar um grande administrador. Por esta razão, conseguiu o cargo de arcediogo

---

<sup>6</sup> *General Prologue*, p. 23. “... então sentem as pessoas vontade de peregrinar; e os palmerins, o desejo de buscar plagas estranhas, com santuários distantes, famosos em vários países. E rumam principalmente, de todos os condados da Inglaterra para a cidade de Cantuária, à procura do bendito e santo mártir que os auxiliara na doença.” (CHAUCER, 1988:3).

de Canterbury, sob o Arcebispo Teobaldo, vindo a ser indicado posteriormente a servir o novo rei Henrique II como chanceler, um de seus homens mais influentes. Após a morte de Teobaldo, Henrique II conseguiu que Thomas, quem já possuía ordens menores, fosse aceito pelo papa como novo Arcebispo de Canterbury em 1162, esperando assim associar os interesses do poder civil aos interesses da Igreja.

Entretanto, ao contrário dos planos do rei, Thomas Becket devotou-se ao serviço à Igreja, abandonando seu cargo real. A partir de então, desenvolveu-se um conflito entre essas duas forças, o que levaria o Arcebispo a um exílio de seis anos na França. Restabelecida as relações com o rei, Becket voltou a Canterbury para a nomeação do filho de Henrique II, mas foi assassinado por cavaleiros na própria catedral, onde foi enterrado. Acredita-se que o rei, consternado, tenha sido o primeiro a peregrinar até seu túmulo, que passou a ser um dos principais centros de peregrinação da Inglaterra, acumulando diversos relatos sobre os milagres associados ao futuro santo.

É preciso também observar o percurso dos peregrinos de Chaucer. Para chegar à Catedral onde se encontra o túmulo do santo, seguiriam, então, a principal estrada que ligava Londres a Canterbury, cujos principais pontos são mencionados ao longo da obra. Após partirem de Southwark, em Londres, a primeira referência encontrada é a Dartford: “Lo Depeford, and it os half-wey prime! Lo Grenewych, ther many a shrewe is inne!”<sup>7</sup>

Depois deste ponto, rumam em direção a Rochester, onde se considera que teriam seu segundo pernoite. Alguns contos depois, em Boughton-under-Blean, são alcançados por um homem com uma veste negra por sobre uma sobrepeliz branca, trata-se do Cônego, acompanhado de seu Criado, que permanece na comitiva após denunciar as trapaças de seu mestre.

Woot ye Nat where ther stant a litel toun  
Which that ycleped is Bobbe-up-and-down,  
Inder the Blee, in Caunterbury Weye?  
Ther gan oure Hooste for to jape and pleye <sup>8</sup>

<sup>7</sup> The Reeve's Tale, p. 78. “Olhe ali a cidade de Deptford! E já é quase hora prima. Olhe ali Greenwich, aquela terra de velhacos!” (CHAUCER, 1988:61).

<sup>8</sup> *The Manciple's Tale*, p. 283. “Sabem vocês onde fica a cidadezinha de Bob-up-and-down, junto à floresta de Blean, na estrada de Cantuária? Pois foi lá que o nosso Albergueiro deu de rir e brincar” (CHAUCER, 1988:278).



Assim, é esta a próxima cidade pela qual a comitiva passou, antes de chegar a última aldeia mencionada na narrativa, no Prólogo ao Conto do Pároco, a última história narrada. Segundo Webb, esse percurso em direção a Canterbury teria a duração de três dias. Logo, a tal peregrinação duraria aproximadamente oito dias, considerando-se a estadia no destino.

Ao pensar as especificidades da narrativa em questão, é possível apontar alguns traços que distinguem tal comitiva daquelas que costumavam realizar peregrinações. O primeiro deles deve-se à própria proposta de percurso da viagem, pois ao invés de passarem seu tempo através de orações piedosas, estes aceitam a proposta do Albergueiro de tornar mais agradável o trajeto através de divertimentos. Esses peregrinos enfrentam o longo caminho distraído-se com contos dos mais diversos estilos, desde contos de elevação moral e espiritual, como o conto do Pároco, até contos com uma linguagem mais vulgar, como os do Moleiro e do Feitor.

Além disso, enquanto grande parte dos textos e estudos que se referem às peregrinações alude às dificuldades da caminhada, que podiam durar semanas ou meses, nesta todos os peregrinos seguem a cavalo, elemento que neste caso também corresponde à posição social de cada um destes peregrinos. Na narrativa, apresentam-se desde belos alazões até rocins, pertencentes aos peregrinos conforme seus ofícios e até mesmo os rendimentos destes. Ao falar do Monge que acompanha a comitiva, que, segundo o Albergueiro, seria um administrador ou um sacristão, alguém em posição de mando onde vive; sabe-se ainda que em seu estábulo mantinha soberbos cavalos. Por outro lado, quando se trata do Estudante de Oxford, vemos que montava um cavalo magro com um ancinho, uma vez que dedicando seu tempo somente aos estudos não obtinha nenhum rendimento e, portanto, não podia dispor de bons cavalos.

Outro ponto relevante é que se as peregrinações têm como objetivo chegar a um lugar sagrado, esta em questão ganha um objetivo profano adicional em razão do qual grande parte dos peregrinos se esforça por contar uma boa história, um jantar para o vencedor ao fim da viagem de retorno. Os contos que compõem a narrativa revelam, por outro lado, um aspecto central desta obra. Os peregrinos ganham autonomia como narradores deixando transparecer sua personalidade, ou melhor, como se vêem, assim como a percepção que têm sobre os demais membros da comitiva.

Além desses pontos, há ainda uma questão essencial que concerne à identificação desses peregrinos, que como já foi mencionado provêm do ambiente urbano. Embora tenham nomes próprios, durante toda a narrativa são apresentados e, na maioria das vezes, identificados através dos ofícios que os ligam à cidade, sejam estes artesanais, comerciais ou religiosos. Do mesmo modo é através de seus ofícios que interagem e confrontam-se ao longo da viagem.

Dessa forma, pode-se perceber a presença das cidades nesse movimento de peregrinação. Lewis Mumford, ao descrever a cidade do ponto de vista do caminhante, ressalta que a cidade nunca deixara de ser um palco para as cerimônias religiosas, como as procissões em que tomavam parte homens de todos os ofícios e condições. A partir deste ponto, podemos depreender as peregrinações como um desdobramento, uma forma mais complexa das procissões que caracterizariam a cidade e que, em *The Canterbury Tales*, assim como aquelas, apresentam a diversidade de oficiais que compõe o cenário urbano.

A cidade é o suporte espacial em que os ofícios podem organizar-se, sustentando, assim, o corpo urbano. A peregrinação, portanto, apresenta esse cenário urbano em seu conjunto e variedade. Podemos pensar que a cidade representada é, em especial, Londres, uma vez que lá Chaucer viveu. Embora haja referências a outras localidades, como a Mulher de Bath, o Estudante de Oxford e o Homem do Mar, vindo de Dartmouth, é em Londres que esses peregrinos se reúnem, na hospedaria de Southwark, e é a partir daí que dão início a sua peregrinação.

A partir dos pontos acima abordados, não acreditamos que se possa considerar os peregrinos de Chaucer como desenraizados. Isso se deve não apenas ao fato de serem parte da cristandade, como defende Baschet, mas porque, apesar de estarem longe de sua terra de origem, a cidade, estes homens, através da narrativa, reafirmam seus laços de identidade com o mundo urbano. Portanto, a narrativa da peregrinação colabora para a reafirmação do pertencimento à cidade, ao invés confirmar o desenraizamento daqueles que dela participam.

#### Bibliografia

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo, 2006.

CHAUCER, Geoffrey. *Os Contos de Cantuária*, Paulo Vizioli (trad.). São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

FINUCANE, Ronaldo C. *Miracles and Pilgrims: Popular Beliefs in Medieval England*. New York: St. Martin's Press, 1995.

GEREMEK, Bronislaw. "O marginal". In: Le Goff, Jacques. *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença. 1989.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 3ed., 1991.

SOT, Michel. "Peregrinação". In: Le Goff, Jacques e Schmitt, Jean-Claude (org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial SP, 2002, V2.

THE RIVERSIDE CHAUCER. Larry D. Benson (ed.), 3<sup>rd</sup> ed., Oxford: Oxford University Press, 2008.

*Thomas Becket* (1118-1170). Disponível em <http://www.the-orb.net/textbooks/anthology/beidler/becket.html>, acessado em 22/07/2009.

WEBB, Diana. *Pilgrimage in Medieval England*. London and New York: Hambledon and London, 2000.